

João Augusto Pompéia  
Bilé Tatit Sapienza

# NA PRESENÇA DO SENTIDO

Uma aproximação fenomenológica  
a questões existenciais básicas



[ 19681810 ]

ABD

## UMA CARACTERIZAÇÃO DA PSICOTERAPIA

O tema desta palestra é a psicoterapia. Ocorreu-me abordar primeiro o que a terapia não é, antes de pensar no que ela é. Parti de dois mal-entendidos que considero sérios.

O primeiro deles, extremamente freqüente, consiste em considerar a terapia como o lugar para onde devem se dirigir as pessoas culpadas de alguma coisa ou que estão erradas de alguma forma. Vejamos um exemplo: alguém anda há tempo com dificuldade para dormir, tenso, brigando com a mulher, porque com a substituição de seu chefe surgiram dificuldades de relacionamento no trabalho. Quando lhe perguntam se ele não gostaria de fazer uma terapia, ele responde indignado: "Eu, fazer terapia? Quem tem que fazer terapia é meu chefe, que é um louco, que não entende nada, que chegou onde está por motivos políticos...".

Esse é um ponto de vista não só de leigos, mas também de muitos psicólogos. É comum ouvirmos de terapeutas de

crianças, frustrados com as dificuldades que a família cria no tratamento, o seguinte: "Imagina, a criança está ótima, quem precisa de terapia são os pais!". Nesse comentário, podemos ouvir: "Os pais devem fazer terapia porque eles é que estão errados". Do mesmo modo, no trabalho com populações carentes, aparecem os comentários: "Essas pessoas estão ótimas, quem precisa de terapia é a nossa sociedade". Aí também podemos ouvir: "Quem está errada é a sociedade, é ela que precisa de terapia".

A terapia, entretanto, não é um recurso de repressão social destinado a corrigir as pessoas que estão erradas, que se julgam erradas ou que são julgadas erradas por qualquer tipo de grupo.

O que temos a dizer diante desse mal-entendido é que a terapia é um recurso para quem está, com grande dificuldade, arcando com o peso de uma situação; alguém que, de alguma maneira, está "pagando o pato", não importa se a situação foi motivada por ele mesmo ou por outros.

O segundo equívoco é a consideração da terapia como o lugar no qual são aprendidos os valores, as normas e mesmo as dicas que uma pessoa deveria seguir na eventual solução de uma situação difícil. Acreditado que esse mal-entendido também é mantido, até certo ponto, por nós, psicólogos, porque uma tal idéia coloca o terapeuta

como aquele que possui o saber, que tem as informações para a resolução de problemas.

Esse é um engano ainda mais lamentável do que o primeiro, pois talvez o elemento mais fundamental do trabalho de um terapeuta consista justamente no contrário: no fato de que "ele não sabe". Em geral, quando afirmo que o terapeuta precisa ter isso sempre presente, pessoas que estudam muito me olham perplexas e dizem: "Bom, se é para não saber, por que fazer tantos trabalhos, ler tantos textos...?". Não é que não exista um conhecimento psicológico; ele existe e sua aquisição é importante, não tanto para que se trabalhe com ele, mas porque o próprio processo de aquisição desse conhecimento pode ser a ocasião de alguém se esforçar para aprender a aprender, e isso é uma chave fundamental para o trabalho terapêutico.

Ora, afirmar que "não saber" é uma condição fundamental do terapeuta é deixar algo estranho no ar. Diante disso, então, perguntamos: terapia é... o quê?

Lembro-me do primeiro encontro que tive com Medard Boss, o psiquiatra suíço que desenvolveu a clínica fundamentada na Daseinsanalyse. Naquela oportunidade, ele fez uma observação que me deixou intrigado: "No consultório, Freud era completamente diferente..." Descobri então que estava conversando não com um

estudioso de Freud — embora Boss também o fosse —, mas com um paciente de Freud. Curioso, perguntei: “E o que ele fazia no consultório?”. Boss respondeu, brincando: “Fazia Daseinsanalyse, não fazia Psicanálise”. Comecei a refletir que, afinal de contas, Freud iniciou seu trabalho de terapeuta antes da formulação da Psicanálise, que passou a existir a partir do acúmulo de sua experiência. Retornei à questão sobre o que Freud fazia no consultório antes de ter elaborado a teoria psicanalítica. Para me dizer o que Freud fazia então, Boss me falou: “Psicoterapia é procura”.

A palavra procura me chamou a atenção, e percebi que se abria um significado mais original quando a líamos assim: pró-cura.

“Terapia é pró-cura”, isto é, “terapia é para cuidar”; em latim, cura tem o significado de cuidar.

Fundamentalmente, então, terapia é procura. Mas procura de quê?

No caso da terapia, aquilo que se procura não é algo que vai acontecer lá no final do processo, mas algo que se dá, passo a passo, através do modo como ela se realiza. Esse “modo” constitui o próprio acesso ao “o quê” se procura.

Pensemos no modo como se dá a terapia. O modo diz respeito, basicamente, à linguagem que é fundamental

na terapia. Qual é a via dessa linguagem? Seria uma via intelectual?

Sabemos que o paciente, em geral, não precisa de explicações racionais. Ele mesmo é crítico de seus sintomas. Uma pessoa que se apavora quando vai falar em público sabe que não há motivo para se sentir tão ameaçada. Mas saber isso não diminui seu medo, parece que só faz aumentá-lo. A verdade racional é impotente diante das dificuldades psicológicas, que se divertem em ridicularizar a razão.

Não é pela via da razão que caminha a linguagem da terapia.

A linguagem própria do diálogo entre terapeuta e paciente tem uma outra via, para cuja compreensão é importante introduzirmos aqui uma palavra grega, *poiesis*. Esta significa não só poesia no sentido específico, como também criação ou produção em sentido mais amplo. No diálogo de Platão, *O Banquete*, encontramos:

— Como sabes, “poesia” é um conceito múltiplo. Em geral se denomina criação ou poesia a tudo aquilo que passa da não-existência à existência. Poesia são as criações que se fazem em todas as artes. Dá-se o nome de poeta ao artífice que realiza essas criações.<sup>1</sup>

1. PLATÃO. (1999). *Diálogos*. Rio de Janeiro, Ediouro.

*Poiesis* é um levar à luz, é trazer algo para a desocultação.

A linguagem da razão, chamada em geral de linguagem do conhecimento, também desoculta o que estava oculto, mas de um modo diferente, de um modo que dá explicações. Ela é própria das ciências, das teorias e mesmo de certas argumentações do cotidiano; ela, de certa forma, garante ou "obriga" que alguém entenda o que dizemos.

Com a linguagem *poética* é diferente. Esta pode aparecer na poesia propriamente dita, num texto em prosa, num diálogo ou mesmo numa piada engraçada. A piada não é para ser explicada.

Propomos que também a terapia acontece basicamente na via da *poiesis*. A linguagem da terapia é poética.

Essa linguagem busca o interlocutor em seu espaço de liberdade. Quando me expresso *poeticamente*, o outro não é obrigado a concordar comigo. Na verdade, não há nenhuma razão para que ele o faça, e, no entanto, tenho uma grande expectativa de que ele possa me compreender, dentro da não-necessidade de compreender.

Nessa forma de linguagem, quando há compreensão, esta vem gratuitamente, emocionalmente e sem necessidade de argumentação mediada pela razão. Aqui teríamos uma comunicação que ou se dá, ou não se dá.

Nesse ponto encontramos uma discussão que é cara para os psicólogos: a diferença entre explicação e compreensão. Considero que essa diferença está exatamente no âmbito dessas duas linguagens: a explicação se articula na linguagem do conhecimento e a compreensão acontece dentro de um diálogo na linguagem da *poiesis*.

No âmbito da linguagem da *poiesis* existe um risco: eu nunca sei se o outro vai me compreender ou não. Se ele me compreender, é como se ele me autenticasse; então, eu me sinto não só muito próximo dele mas também da minha própria experiência que desejo expressar. Caso contrário, em algumas circunstâncias, chego até mesmo a perder de vista a minha experiência, como se ela se dissolvesse na incompreensão do outro. Em tal momento, posso passar bruscamente de uma situação vivida como algo precioso para uma outra, na qual me sinto terrivelmente exposto, fragilizado. Às vezes, para descrever essa situação, usamos a expressão: "Eu fiquei ridículo". Descobrimos o quanto somos vulneráveis em nossa comunicação e o quanto somos dependentes da disponibilidade do outro. Quando o outro nos compreende, vivemos uma experiência extremamente significativa. Quanto mais delicada é a situação e mais pessoal o enunciado, maior é a nossa necessidade de compreensão e mais difícil se torna qualquer tentativa de explicação.

Talvez isso nos permita compreender por que, às vezes, a terapia pode ser tão difícil. A linguagem *poética*, no dizer de Heidegger, faz com que nos sintamos "indigentes", nus, pela própria natureza da linguagem.

Tínhamos dito antes que terapia é procura. Passamos em seguida a perguntar pelo modo como ela se dá: qual a via de sua linguagem? Podemos acrescentar agora: terapia é procura através da linguagem da *poiesis*...

Mas procura de quê? É uma procura da verdade.

Essa palavra precisa ser pensada. Em português, ela deriva do latim *veritas*, e tem a ver com o verificável, aquilo que pode ser comprovado. Tal conceituação associa a perspectiva da verdade à linguagem do conhecimento. É certo que há uma dimensão da verdade que é definida por sua comprovação, por sua verificabilidade. Mas ela não é apenas o verificável. Como fazer para aproximar, via *poiesis*, a questão da verdade? A palavra grega *aletheia* pode ajudar, pois ela traz um outro sentido para a palavra verdade.

*Aletheia* é formada por um prefixo de negação (a) e por um radical (*lethe*), que significa esquecimento. *Aletheia* pode ser o "não esquecido".

Podemos nos aproximar da *aletheia* por uma via *poética*. Não-esquecido pode ser o recordado. Recordar vem de um radical latino *cor-cordis*, que significa coração.

Se lermos re-cordar, isso soa como se disséssemos algo assim: colocar o coração de novo; *aletheia*, verdade — não meramente o não-esquecido, mas aquilo em que se pode pôr de novo o coração.

Na terapia, o que fazemos é reencontrar a expressão do nosso modo de sentir, o re-cordado, principalmente aquelas coisas que já nos foram caras, que já foram coisas do coração, mas que perderam esse vínculo em virtude de dificuldades de comunicação, tornaram-se desgastadas. Foram esquecidas, mas num esforço de procura, através da linguagem *poética*, podemos reencontrá-las. Quando isso acontece, encontramos uma verdade.

Uma verdade assim encontrada nunca é relativa. Quando ela se manifesta, nós somos parte dela e não há como relativizar isso. A verdade enquanto *veritas*, geralmente, é diluída no tempo, no contexto, nas estruturas sociais ou culturais que suportam o enunciado da verdade. Mas a verdade recordada, por ser uma verdade vivida, já está sempre definida num lugar, naquele contexto único em que estamos.

Longe de ser uma verdade relativa, encontramos aqui o sentido, talvez o mais arcaico, no qual a questão da verdade se tornou uma real obsessão para o homem. Reencontramos o momento em que a verdade é dada praticamente como algo que nos envolve e do qual participamos, de modo que tenhamos dela uma vivência plena e absoluta.



Mas por que uma pessoa quer a verdade?

Retomemos a questão da verdade desde que a humanidade procura por ela. Nessa procura, a verdade está sempre relacionada com libertação. Na Bíblia, nos mitos em geral e mesmo no mundo da ciência, encontramos: a verdade liberta. Nos mitos, a verdade revelada pela divindade tinha o caráter de libertar o homem do jugo de sua identidade com o restante da criação.

Na história de Édipo, a cidade de Tebas encontra-se escravizada pela Esfinge, que só a libertará no momento em que alguém puder desvendar seu enigma. Quando ele consegue, por trás do enunciado obscuro, reconhecer a verdade e responder ao enigma, a Esfinge se mata e liberta Tebas.

Quando a psicoterapia começa a nascer, reencontramos a idéia da verdade libertadora: a descoberta da verdade liberta o paciente do jugo do sintoma.

Podemos acompanhar uma quantidade enorme de relatos nos quais terapeuta e paciente buscam juntos alguma forma de verdade que possa colocar o paciente outra vez em liberdade; liberdade que foi perdida pela doença, pela neurose, pela angústia ou pela culpa, e que, ao ser reinstaurada, liberta.

Neste ponto, já podemos dizer: terapia é procura, via *poiesis*, da verdade que liberta.

É comum a impressão de que a liberdade é sempre uma coisa boa, agradável. Mas em grande parte das vezes ela não é sentida assim. Talvez um dos grandes méritos de Sartre tenha sido revelar o aspecto incômodo da liberdade.

E por que a liberdade pode incomodar?

A questão da liberdade pode ser pensada de duas formas.

A maneira mais comum de pensar é ligar a idéia de liberdade com o tornar-se livre de alguma coisa. A preocupação das pessoas, quando lutam por livrar-se de algo, é completamente absorvida pelo *de que* elas querem se libertar. Na hora em que finalmente encontram a liberdade descobrem que, na luta por ela, apaixonaram-se de uma maneira perversa por aquilo que impedia a própria liberdade. A palavra perversa é usada aqui no sentido de "pelo avesso", ou seja, as pessoas se apaixonam pelo avesso, pelas suas dificuldades. Assim, no momento em que se vêem livres delas, em vez de se sentirem realizadas e felizes, percebem que a liberdade é fundamentalmente abandono, pois, livres de todo impedimento, estão mais do que nunca sozinhas, desligadas de todas as coisas e lançadas numa situação na qual se sentem livres para coisa alguma.

Outro modo de pensar a liberdade é perguntar: liberdade *para quê?* Para buscar o quê? Quando, ao

romper com aquilo que impedia a liberdade, reencontramos um sentido, um para quê, começamos a compreender onde está o lado positivo da liberdade. Não existe nada mais agradável do que nos sentirmos plenamente libertos para caminhar na direção de alguma coisa. A mesma dimensão do abandono que nos deixa, de repente, jogados no meio das coisas, deixa-nos livres para a dedicação a algo. A liberdade é condição fundamental para que possamos nos dedicar àquilo que pretendemos.

Mas mesmo esse lado positivo da liberdade, ou seja, poder dedicar-se a um sentido, também pode ser incômodo, porque o sentido às vezes não está claro ou parece inatingível. A dificuldade, outras vezes, provém do quanto de compromisso e trabalho a pessoa sente que precisará ter para se dedicar ao sentido.

Vamos esclarecer o nosso emprego da palavra sentido, visto que ela é sempre discutível, principalmente quando queremos explicá-la através da linguagem do conhecimento. Usamos essa palavra aqui em sua acepção mais simples. Trata-se daquele sentido que, na hora em que falta, todos nós sabemos de que se trata. É o sentido primário, fundamental, a que nos referimos quando perguntamos: "Qual o sentido de nossas vidas? Qual o sentido de estarmos aqui?".

Algumas vezes na vida, passamos por situações nas quais o sentido se perde. Há uma situação específica em que isso ocorre de forma drástica e intensa: o momento em que vivenciamos a morte de um sonho. Essa é uma experiência humana única, pois só os homens sonham. Referimo-nos ao sonho como expectativa, esperança, perspectiva do desejo. Não só o homem é o único animal que sonha como também, uma vez tendo conquistado o direito de sonhar, transformou o sonho em seu valor mais alto.

A imagem do herói, em todas as épocas e culturas, é sempre a imagem daquele que colocou o sonho acima de tudo, até da conservação da vida e da preservação da espécie.

Numa belíssima cena do filme 2001, *uma odisséia no espaço*, um computador ultrapassa suas funções e começa a enlouquecer. Impulsionado por uma grande aspiração, pergunta ao cosmonauta: "Será que eu posso sonhar?". Porque em sua perfeição técnica faltava o sonho.

Mas o sonho também morre, e quando isso acontece ficamos provisoriamente privados de sentido. Quando tudo aquilo que esperamos, a que nos dedicamos, em nome do que nos organizamos, morre, nossa vida morre também. Nesse momento, vivemos duas experiências interligadas. Ao mesmo tempo em que percebemos grande



lucidez e clareza, esta é absolutamente incompatível com a ação, porque não há motivo para fazer coisa alguma.

A morte do sonho traz uma experiência muito forte de solidão. Ao conversarmos com pessoas que vivem o drama de uma solidão muito intensa, em geral, depa-ramos com um sonho que morreu. Para tais pessoas, o afeto, a preocupação, a proximidade dos outros aproximam ainda mais sua solidão. É como se o amor e a preocupação dos outros ao redor fossem absurdos e vazios, porque, sem o sonho, nada se articula, o sentido é negado e não se tem como acolher e muito menos retribuir carinho.

Muitas vezes a pessoa carrega em si um sonho que morreu, e ela não consegue abandonar e enterrar esse sonho, pois isso é assustador. É assustador porque a desilusão com um amor ou um ideal dá a impressão de que jamais ela poderá amar ou ter ideais de novo. Então, ela se agarra ao sonho morto, e este a escraviza na condição de ausência de sentido. Ela fica presa na falta de sentido. É muito difícil nos aproximarmos da pessoa que vive esse momento.

O fim de um sonho é uma das formas de perda do sentido. Essa perda traz não apenas dor. A pessoa pode sentir que perdeu também exatamente o que fazia sua existência ser digna de ser vivida. É como se ela se sentisse ferida em sua dignidade. Desaparece o que tinha

importância, e, nessas horas em que um sentido muito importante da vida se desarticula, o perigo é que isso arraste tudo o mais, num movimento que tende a esvaziar todas as coisas de qualquer significado que ainda possam ter.

Na ausência de sentido, fica difícil viver. Mas se a pessoa compreender que, embora sonhos se acabem, a possibilidade de sonhar permanece, ela poderá restabelecer um sentido.

Depois de abandonar um sonho morto, é hora de começar a sonhar de novo; é hora de começar a habitar um novo sonho.

Que é habitar um sonho?

Sabemos que somos frágeis; por isso, precisamos de um lugar para morar. Isso vai além da concretude do lugar, queremos habitar "em-casa".

Mas a necessidade de habitar ainda vai mais longe. Dotados de linguagem, percebendo significados, e capazes de sonhar, o precisar "estar-em-casa" tem uma amplitude maior. Precisamos habitar no sentido das coisas, habitar nossos sonhos, que são os grandes articuladores de sentido.

Quem já passou pela experiência de perder o sentido sabe o que isso quer dizer: chegar em casa e não ter mais casa, só um espaço vazio.

Habitar no sentido é a possibilidade que procuramos.

Na condição de seres que sonham e vêem seus sonhos morrerem, há uma situação muito angustiante que se manifesta na tentativa desesperada de, ao sentir que um sonho está acabando, querer preservá-lo de qualquer jeito, acima de toda experiência. É a tentativa de radicalizar o sonho por não admitirmos que nada o ameace. Assim, o sonho já não é algo cheio de vigor, capaz de se confrontar e de se relacionar com as coisas; tornou-se um sonho moribundo, que não queremos deixar morrer. Para não o deixarmos morrer, começamos a ser cada vez mais agressivos com relação a tudo que o ameace. Já não habitamos mais o sonho, passamos a defendê-lo e nos torturamos escravos daquilo que esperamos a qualquer custo. Nisso, perdemos a liberdade.

A pessoa nessa situação não se dá conta de que, assim como é preciso habitar no sentido, como sonhadores, por outro lado, estamos destinados ao desenvolvimento, não podemos ficar parados lá atrás.

Nós temos de nos desenvolver. O desenvolvimento não é uma opção nossa, assim como não o são o sentido e o habitar. Precisamos nos des-envolver, des-cobrir nós mesmos e o mundo. Isso faz parte do nosso destino, entendido não como algo previamente definido e demarcado, como uma obrigatoriedade ou regido por uma causalidade férrea. Empregamos a palavra destino da

mesma forma como a encontramos na estação rodoviária ou no aeroporto: "Atenção passageiros com destino a..." O que define o passageiro é o seu destino. Dessa mesma forma, também somos destinados a nos desenvolver na direção do horizonte para o qual caminhamos.

Somos destinados, mas podemos nos perder: podemos perder nossa morada no sentido, não saber o que fazer com a liberdade, sentir dificuldade para prosseguir em nossa direção. Nesses momentos é preciso cuidado... Talvez isso justifique termos dito, no início, que terapia é procura, é pró-cura, é para cuidar.

Estamos chegando a poder dizer que terapia é a procura, via *poiesis*, pela verdade que liberta para a dedicação ao sentido.

Somos todos lançados nesse processo que é a existência, pois recebemos a vida à revelia de qualquer decisão própria. Podemos decidir sobre possibilidades de rumos diferentes que queiramos seguir, mas há uma coisa que vale para todos nós: enquanto existimos, estamos destinados ao próprio desenvolvimento, habitando o sentido ao qual nos dedicamos na efetivação da nossa liberdade, radicada na verdade que liberta e que nós procuramos. Às vezes, perdemos esse sentido e então temos, na terapia, pela via da *poiesis*, uma forma de reencontrá-lo.

Não chegamos a uma definição precisa de psicoterapia. A via que escolhemos percorrer vai em outra direção. É como podemos falar de psicoterapia na perspectiva da Daseinsanalyse que, em nosso caso, é o que está em nosso horizonte e destino profissional.

## PSICOTERAPIA E PSICOSE

Como este tema é amplo demais, faremos alguns recortes em sua abordagem. Gostaria de falar aqui sobre: a questão central da psicoterapia; os problemas da pesquisa em psicopatologia; o que distingue o modo de ser psicótico.

Sei que, de modo geral, trabalhar com psicoterapia dentro de uma instituição médica tem sido complicado, porque a tendência da instituição é adotar o modelo médico. Isso deixa o terapeuta em uma situação incômoda, pois os parâmetros da psicoterapia nem sempre se ajustam àqueles da medicina. Além disso, existe uma certa suspeita a respeito da eficácia e da eficiência da psicoterapia.

A suspeita quanto aos resultados da psicoterapia freqüentemente está presente. Lembro-me de uma pesquisa feita por um americano em 1954. Foi uma pesquisa com duração de cinco anos, que acompanhou a evolução de quatro grupos de pessoas. O grupo-controle não fez nenhuma terapia. Os outros três grupos foram submetidos